

MÃE desafinada

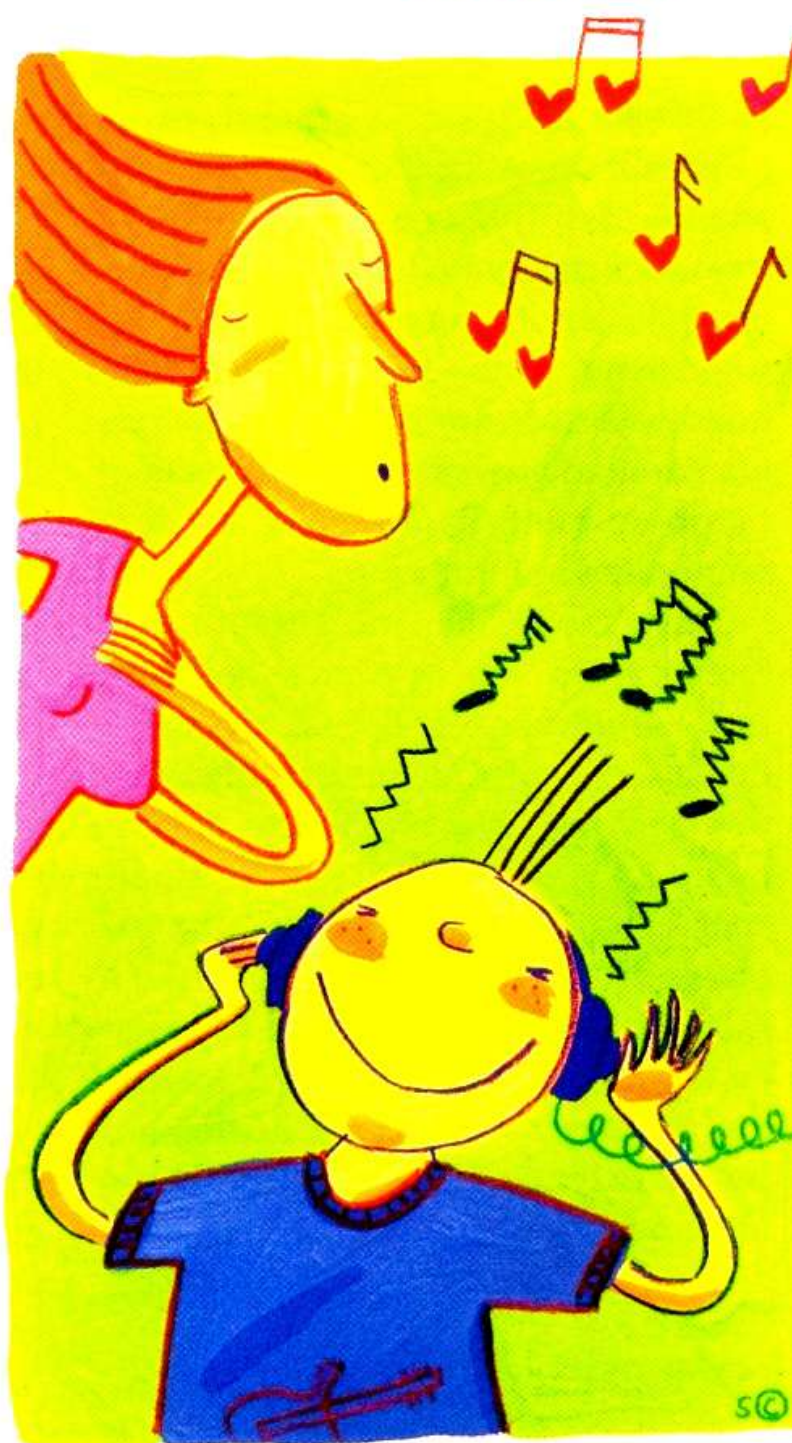
Por que meu
filho não me
deixava cantar?

POR LORRI BENEDIK

A MÚSICA sempre foi importante na minha vida. Por isso, quando nasceu meu filho, cantar para ele veio tão naturalmente quanto beijar seu rostinho. Todos os dias eu cantava para Zachary: canções de ninar, cantigas infantis e músicas antigas que minha mãe havia cantado para mim.

Nós nos aninhávamos em nossa poltrona preferida e, enquanto eu lhe fazia serenatas, ele me olhava atentamente nos olhos, com sua mãozinha sobre minha pele. Zach amava quando eu cantava e tentou me acompanhar antes mesmo de aprender a falar.

Então, subitamente, quando ti-



nha mais ou menos 3 anos, ele deixou de gostar. Sempre que eu começava a cantar, Zach chorava. As canções de ninar e músicas mais lentas o irritavam. Seus soluços eram altos e desafinados. Por isso, parei.

a encarar de forma racional a forte reação que tinha quando eu cantava. Mas, à medida que os anos foram passando, ele começou a gostar tanto de música *pop* que me implorava que procurasse rádios que tocassem



Ele não estava se afastando da música – estava se afastando de mim.



De vez em quando eu tentava de novo, na vã esperança de que fosse só uma “fase”. Mas não tinha jeito.

Fiquei arrasada. Nunca tinha feito ninguém chorar quando cantava. Às vezes essa me parecia a pior rejeição que eu já sofrera. Ele não estava se afastando da música – estava se afastando de mim. Essa reação me doía como uma bofetada.

Devo mencionar, no entanto, que Zachary tem um leve grau de autismo. Embora consiga levar uma vida normal, ele enfrenta muitas dificuldades. Um dos distúrbios físicos com os quais Zach precisa lidar é a “hipersensibilidade”. Isso significa que ele ouve, vê, cheira e sente o contato e o sabor das coisas com mais intensidade do que os outros. Por exemplo, se um vizinho a várias casas de nós usa um cortador de grama, Zach anda freneticamente de um lado para o outro com os ouvidos tapados até que o barulho pare.

Naturalmente, usei a audição hipersensível de Zach para me ajudar

rock sempre que andávamos de carro. Aquela música não parecia incomodá-lo. Ao contrário! Quanto mais alto, melhor. Ele também inventava ritmos complexos e gostava de se deitar na banheira, com as orelhas pouco acima da superfície da água, cantando-os a toda altura.

Quando chegava a hora de ir para a cama, eu falava: “Zachary, por que não escolhe uma música para a gente cantar?” Ele selecionava uma canção animada ou um *jazz*, mas nunca uma música suave ou uma cantiga de ninar. Mais ou menos uma vez por ano eu lhe perguntava por que ele chorava quando eu cantava, e a resposta era sempre a mesma: “Não sei.”

HÁ DOIS ANOS, na véspera do Dia dos Namorados, quando punha Zach, então com 7 anos, na cama, falei com ele sobre o dia seguinte, quando as crianças de sua turma iam trocar cartões. Ele estava muito animado, mas não conseguia se contentar em dar apenas um cartão.

- Mãe, eu gosto da Sandra, mas também gosto da Bettina.

- Não tem problema gostar de um monte de gente, querido - respondi.

- Mas, mamãe - protestou Zach -, eu queria que você fosse a minha namorada.

Fiquei muito emocionada.

- Zach - eu disse -, você vai ser sempre o meu amor.

Sem pensar, comecei a cantar uma de minhas músicas antigas favoritas, que falava de amor.

Não cheguei nem ao segundo verso. Zach enfiou o rosto no travesseiro e começou a chorar.

É claro que parei de cantar imediatamente, mas me senti horrível. Sem dizer nada, eu o abracei e ninei. Depois de um tempo, ele parou de chorar.

- Zachary - eu disse. - Quero que

você leve o tempo que precisar, mas tente me dizer por que chora quando eu canto para você.

Ficamos quietos por muito tempo, então Zach disse com ar sério:

- Mãe, é bonito demais.

Eu havia deduzido erroneamente que a reação de Zach se devia às dificuldades que precisava enfrentar, quando na verdade era apenas meu filho sendo ele mesmo - e muito parecido comigo. Uma canção comumente tocando no rádio do carro pode me fazer chorar a tal ponto que eu preciso parar e esperar que ela acabe. Esse sentimento sublime e avassalador pode surgir sem aviso: numa peça encenada na escola, assistindo a uma premiação na TV ou à noite, quando eu e meu marido vamos olhar nosso anjinho adormecido - nosso doce e sensível filho.

CONCLUSÕES APRESSADAS

Meu marido achou que a vida ficaria mais fácil se pusesse um novo interruptor de luz no quarto, para que não precisássemos tatear no escuro. Então, quando furou a parede, descobriu um esconderijo de potes e caixinhas.

- Querida! - chamou-me, animado. - Venha ver o que achei!

Corri até o quarto e vi que sua tarefa seguinte seria consertar o buraco que agora mostrava o fundo de nosso armário de remédios.

Uma caminhonete avançou o sinal vermelho, quase batendo em nosso carro. Enquanto meu marido desviava do veículo, levou o braço à minha frente, protegendo-me de uma possível colisão. Eu estava prestes a dar um beijo em meu herói quando ele se desculpou. Na afobação, admitiu, achou que quem estava no banco da frente era *Checkers*, nosso labrador.



NOLA PIRART, EUA

APRIL COLE, EUA